

## FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES NAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA

Márcia Maria de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** As duas últimas décadas caracterizam-se por uma intensa migração na Amazônia em sentido interno e internacional com ênfase à circulação permanente de mulheres negras e indígenas nas fronteiras dessa imensa região. A atual dinâmica migratória aponta para a Amazônia como a nova porta de entrada de migrantes em território nacional. Na sua grande maioria são migrantes transfronteiriços ou caribenhos que chegam ao Brasil pelas “portas dos fundos”. Entretanto, as fronteiras amazônicas também representam importante circulação de migrantes brasileiros que se dirigem aos países transfronteiriços ou a outros continentes. Diversos são os fatores que contribuem para essa nova ordem dos movimentos migratórios nessa região. No presente artigo apresentaremos alguns destes fatores tendo por base os dados colhidos em diversas pesquisas de campo realizadas nas fronteiras da Amazônia nos últimos cinco anos e a abordagem teórica dos estudos migratórios que aprofundam o fenômeno da feminização das migrações. O objetivo deste estudo é apresentar alguns elementos que indicam importante papel das mulheres negras e indígenas nas dinâmicas migratórias nas fronteiras da Amazônia, contribuindo assim para novas abordagens das intersecções de gênero, identidade e cidadania.

**Palavras-chave:** Feminização das Migrações. Amazônia. Fronteiras. Negras. Indígenas.

Nas últimas décadas as migrações têm aumentado significativamente na América Latina e Caribe. Parte desse crescimento deve-se às políticas restritivas dos países europeus, do Japão e dos Estados Unidos que até então eram os principais receptores de boa parte dos migrantes movidos, especialmente pelo trabalho. Por outro lado, de maneira especial, os países europeus têm recebido grande contingente de refugiados nos últimos anos, o que limita em alguma proporção, a circulação de migrantes trabalhadores. Entretanto, a crescente onda de racismo, intolerância e xenofobia nos países mais ricos resultando na criminalização das migrações também tem contribuído para reduzir o raio de circulação dos migrantes ou para redefinir as rotas migratórias.

Esse contexto internacional vem contribuindo para o crescimento das migrações inter-regionais na América Latina e Caribe. Porém, muitos outros fatores corroboram para redesenhar as novas rotas das migrações nessa região. As questões políticas e econômicas, o aumento dos conflitos socioambientais e da violência agrária contra camponeses e povos indígenas, o desemprego e os desastres ambientais e climáticos têm sido preponderantes para os novos e mais recentes deslocamentos inter-regionais. Países como o Brasil que historicamente recebeu importantes fluxos de migrantes bolivianos, peruanos, chilenos e paraguaios, passou a receber

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora da Universidade Federal de Rondônia, Campus Rolim de Moura, Rondônia, Brasil.

milhares de migrantes colombianos, haitianos e, mais recentemente, venezuelanos. A porta de entrada dos migrantes também mudou de lugar. Ao invés da convencional entrada pelo Atlântico, as novas entradas são pelas fronteiras, de maneira especial as fronteiras da Amazônia (RODRIGUES, 2012, p. 14).

Uma característica importante das novas dinâmicas migratórias na Amazônia (OLIVIERA, 2016, p. 96)<sup>2</sup> é a circulação das mulheres. Os estudos migratórios indicam uma crescente feminização da migração na região<sup>3</sup> com características muito próprias que as diferem das migrações tradicionais. Este "fenômeno de ordem mundial" (ENGLE, 2005, p. 26) vem provocando importantes mudanças nos paradigmas dos estudos dos deslocamentos populacionais que, quase sempre foram investigados na Amazônia sob a perspectiva da migração de trabalhadores eminentemente masculinos<sup>4</sup>. Antes, porém de adentrar à temática amazônica, apresentamos algumas tessituras referentes às abordagens conceituais da *feminização* da migração enquanto categoria analítica importante nos estudos de gênero e nas teorias migratórias.

### ***Caracterização da feminização da migração***

Do ponto de vista qualitativo, a *feminização* da migração indica que a mulher passou a ganhar maior evidência nas dinâmicas migratórias. Isso não significa que antes elas não migravam e sim que passaram a ser contabilizadas e mensuradas pelos indicadores das migrações enquanto dinâmica específica. Entretanto, o conceito “[...] *feminização* pode ser usado para indicar uma mudança com viés de gênero, uma ação, um processo de se tornar mais feminina, mais comum ou intensa entre as mulheres ou em domicílios chefiados por mulheres [...]” (YANNOULAS, 2011, p. 22). Ainda de acordo com a mesma autora, a *feminização* “é a ação ou efeito de feminizar, tornar feminino e refere-se ainda ao conceito de *feminização* das profissões e ocupações, a que correspondem metodologias e técnicas diferentes para a coleta e análise de informação: *significado quantitativo ou feminização*”.

Do ponto de vista conceitual, a *feminização* pode referir-se ao “[...] aumento do peso relativo do sexo feminino, na composição de uma categoria social [...]” (YANNOULAS, 2011, p. 23). Nessa perspectiva, o termo *feminização* refere-se à desigualdade de direitos sociais entre

---

<sup>2</sup> Apresentamos neste texto alguns fragmentos da nossa tese doutoral realizada no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM entre 2010 e 2014.

<sup>3</sup> Especialmente os dados do Censo Demográfico 2010.

<sup>4</sup> Um dos estudos mais importantes desta temática foi sistematizado por Marcel Hazel, (org.). *Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual na Amazônia*. Belém: Txai/OIT/Emaus, 2003.

homens e mulheres como ocorre com os estudos sobre a feminização da pobreza no qual “[...] o conceito ‘feminização’ representa a ideia de que as mulheres vêm se tornando, ao longo do tempo, mais pobres do que os homens” (NOVELLINO, 2004, p. 76). Enquanto conceito analítico, a *feminização* também é utilizada nas relações de trabalho, para justificar o trabalho precário ou “para identificar tarefas qualificadas e não qualificadas” (SOUZA-LOBO, 1991, p. 150-151), justificando a precarização das condições do trabalho parcial das operárias assalariadas. Nesse sentido, a feminização do trabalho revela-se estreitamente relacionada à condição de pobreza de boa parte das mulheres trabalhadoras.

Miranda (2009, p. 24) entende “[...] a feminização da migração como o resultado de uma recomposição do capital à escala mundial [...]” em que as mulheres passaram a ocupar os novos postos de trabalho em novos setores da sociedade, principalmente o trabalho de tempo parcial<sup>5</sup>, o trabalho temporário na agricultura, a prestação de serviços sexuais e o trabalho na área dos cuidados aos idosos e crianças. A *feminização* está relacionada, ainda, com a condição da mulher reinterpretada por muitos autores como uma “[...] condição subjugada nas relações de dominação de gênero[...]” (NOVELLINO, 2004, p. 76) reproduzidas também nas composições migratórias.

Nas teorias migratórias, o termo *feminização* começou a ser utilizado na Europa na década de 1970, quando as políticas migratórias passaram a ser mais restritivas. No contexto europeu, as mulheres passaram a “[...] dominar os fluxos de entrada, apesar de serem minoritárias em termos de *stock* de imigrantes” (MIRANDA, 2009, p. 23).

Um dos primeiros estudos sobre a temática da *feminização* da migração, considerado uma referência clássica fundamental, foi escrito por Mirjana Morokvasic, e publicado em 1984, com o título: *Birds of passage are also women*<sup>6</sup>. A autora observa que “[...] a partir da década de 1980, nos países do norte da Europa, o número de mulheres migrantes superava o dos homens, obrigando os estudos migratórios a considerar a variável de gênero nas abordagens das migrações internacionais” (MOROKIVASIC, 1984, p. 886). Em outro texto, Morokvasic (2003) acena que “[...] as mulheres sempre migraram, mas, nem sempre foram contabilizadas estatisticamente” nas teorias migratórias. A referida autora chama a atenção para os movimentos migratórios de mulheres em contextos

---

<sup>5</sup> Na conjuntura de crise econômica, o contrato de trabalho de tempo parcial foi o segmento de emprego que mais abriu vagas na última década. O trabalho doméstico representa a maior incidência nesse setor. O contrato de trabalho de tempo parcial exime o contratante de metade dos encargos sociais e diminui responsabilidades previdenciárias. Isso explica, em parte, a conversão de muitas vagas de trabalho integral em parcial.

<sup>6</sup> Trata-se do capítulo introdutório da coletânea *mulheres na migração* publicado em 1984 pela Revista Migrações Internacionais da Universidade de Paris. MOROKIVASIC, Mirjana. 1984. *Birds of Passage are also women*. *International Migration Review*. Vol XVIII number 4. (886-907). Existem inúmeras citações referentes ao trabalho de Morokvasic reconhecendo-a como uma das pioneiras da temática da *feminização da migração*.

específicos, muitas vezes marcados pela guerra, pelas epidemias, pela fome, catástrofes naturais ou crises econômicas e políticas. Segundo a autora, nesses contextos, quase sempre é a mulher, na condição de mãe, filha, irmã ou esposa, que “encabeça” o deslocamento mediante situações de emergência que colocam em risco a vida da família. O reconhecimento do papel desempenhado pela mulher em contextos migratórios, aos poucos, “[...] vem provocando importantes rupturas nos paradigmas das teorias migratórias baseadas na Economia, na Sociologia e na História que apresentavam as mulheres economicamente inativas e indiferentes às dinâmicas migratórias” (MIRANDA, 2009, p. 23).

De acordo com Casas e Garson (2005, p. 2), até a década de 1980, nas teorias migratórias, predominava a ideia de que o migrante típico era o homem e a migração feminina era alvo de pouca atenção. Para Morokvasic (1984: 888), essa predominância está estreitamente vinculada ao modelo de família patriarcal, no qual o homem figurava como o chefe de família e responsável pelo sustento do lar, consequentemente, autor e sujeito dos projetos migratórios quase sempre familiares.

Referindo-se às teorias de Morokvasic (2003), Peres (2012, p. 55) afirma que

É preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram; teorias migratórias, no entanto, não levavam em conta diferenciais por sexo que incorporam a mulher como migrante propriamente dito: diferentes trajetórias e estratégias migratórias, uso diferenciado de redes sociais, reconfiguração de papéis de gênero principalmente através da inserção em mercados específicos de trabalho. A condição de acompanhante ou migrante tardia, em função da trajetória migratória de um homem da família – pai, marido, irmão –, para recomposição familiar, foi a posição ocupada pelas mulheres na maioria das perspectivas de análise até o fim do século XX.

Atualmente, boa parte das considerações sobre a feminização das migrações, nas teorias migratórias refere-se aos dados quantitativos. Entretanto, segundo Miranda (2009, p. 23), o “discurso da feminização da migração pode ser explicado não apenas por um aumento real no número de mulheres nos fluxos populacionais, mas também pela aceitação do conceito de mulher migrante”. Tal aceitação confere à mulher outro “lugar” social e político nas coordenadas das migrações, deixando de ocupar o lugar secundário na perspectiva da dependência e assumindo os riscos e as responsabilidades da condição de mulher e migrante. Para Miranda (2009, p. 23), a feminização da migração vem se convertendo em uma importante característica que “define a atual era das migrações” estreitamente relacionada ao reordenamento dos novos postos de trabalho e à prestação de serviços em escala mundial e mais expressivamente nos países da União Europeia e nos Estados Unidos. Os primeiros tratados da feminização da migração referem-se aos dados da migração europeia, entretanto, segundo os dados da Organização Internacional para as Migrações –

OIM, parceira das Nações Unidas – ONU, em seu escritório no Brasil, esta é uma tendência em escala mundial.

Para uma melhor compreensão da dinâmica da *feminização* da migração, os estudiosos classificam os fluxos migratórios por categorias específicas, de acordo com algumas variáveis levando em consideração as diferentes trajetórias e estratégias migratórias elaboradas pelas mulheres ou identificadas no seu perfil migratório; a participação diferenciada das mulheres migrantes nas redes sociais; a reconfiguração de papéis de gênero nos fluxos migratórios e os novos e específicos mercados de trabalho (PERES, 2012, p. 55). À luz dos estudos de gênero, identificamos que quando as mulheres assumem o protagonismo da migração na Amazônia, ou seja, quando são elas que decidem pelo deslocamento e suas consequências, esse “poder de decisão” precisa, no mínimo, ser problematizado ou relativizado. É preciso questionar, primeiramente, por que elas têm o direito de decidir pela migração ao passo que lhes falta o direito de não ter que migrar.

### *A feminização da migração na Amazônia*

Na Amazônia há numerosas situações em que as mulheres migram para fugir da opressão masculina e da violência doméstica. Para muitas mulheres partir significa um ato de liberdade. Ao migrar, livram-se do domínio e da opressão do pai, do marido, do irmão mais velho, do tio, do padrasto e assim por diante. Ao romper com estas amarras opressoras, as mulheres rompem também com o legado do patriarcado (SAFFIOTI, 1987). Nessa perspectiva, entende-se que as relações de dominação podem ocorrer também em outros contextos familiares nos quais a migração pode representar uma alternativa à opressão dos pais sobre as filhas ou vários outros níveis de relações de poder reproduzidas a partir dos “arranjos” familiares ou nas relações de parentesco.

Para Costa (2005, p. 52) na Amazônia “não houve um Estado patriarcal” e sim “relações patriarcais que se desenvolveram no âmbito familiar levando a reproduzir na sociedade os ditames do patriarcado tradicional que se caracteriza pelo autoritarismo dos homens sobre as mulheres”. Segundo Costa (2005, p. 24), “o que houve na Amazônia foi o patrimonialismo burocrático, alicerçado na tradição de privilégios e no clientelismo os quais avançaram para o período da

Economia da Borracha” (1879-1912)<sup>7</sup> que abrangeu, além do Brasil, a Amazônia peruana, boliviana, colombiana e venezuelana.

As relações patriarcais, herança direta da colonização e dos sucessivos estágios econômicos da América Latina e do Caribe foram decisivos para configuração das relações de poder e dominação política e econômica nessa região reproduzidas também nas relações de gênero. Nessa perspectiva, a migração representa para as mulheres, além de uma alternativa de trabalho e melhores condições econômicas, uma forma de se escapar das relações de dominação e, de modo especial, da violência doméstica. As migrações, nesse sentido, têm permitindo às mulheres novas inserções em novos contextos e realidades que podem funcionar tanto como processos de libertação quanto novas formas de continuidade da opressão e das relações de dominação de gênero.

A inserção no mundo do trabalho, a possibilidade de continuar os estudos, a garantia dos direitos reprodutivos, são meios importantes para a garantia da autonomia e do protagonismo das mulheres migrantes que ensaiam novas intersecções de gênero, identidade e cidadania nas trajetórias migratórias. Entretanto, quando se é mulher, pobre, migrante e negra ou indígena, os desafios são ainda maiores e podem ser melhor compreendidos a partir da *perspectiva de gênero* que representa uma categoria de análise teórica largamente acionada nos estudos de gênero como “sinônimo de enfoque e análise baseados nos estudos e teorias de gênero inscrito no paradigma teórico histórico-crítico e cultural” (LAGARDE, 1996, p. 84). Mais que analisar, a *perspectiva de gênero* permite pensar a condição de migração das mulheres que procuram novos horizontes e possibilidades de existência e sobrevivência buscando a “ressignificação da história, da sociedade, da cultura e da política a partir das mulheres e com as mulheres” (LAGARDE, 1996, p. 13).

O olhar através da *perspectiva de gênero* nomeia de outras maneiras as coisas conhecidas e lhes outorga outros significados. Inclui o propósito de revolucionar (desconstruir) a ordem dos poderes entre os gêneros e com ele a vida cotidiana, as relações, os papéis e os estatutos da mulher e do homem. [...] A *perspectiva de gênero* exige uma nova postura diante da concepção de mundo, aos valores e ao modo de vida, ou seja, põe em crise a legitimidade do mundo patriarcal. Esta perspectiva permite compreender que as relações de desigualdade e iniquidade entre os gêneros são produtos da ordem social dominante e que as múltiplas opressões de classe, raça, etnia, geração que se exercem sobre a mulher configuram uma superposição de domínio (LISBOA, 2003, p.19).

As migrantes negras e indígenas carregam as “múltiplas opressões de classe, raça, etnia e geração” apontadas acima pela referida autora. Nas fronteiras da Amazônia é intensa a circulação

---

<sup>7</sup> A Economia da Borracha é também definida como 1º Ciclo Econômico da Amazônia, o qual teve seu auge entre 1879 a 1912, tendo uma sobrevida entre 1942 a 1945, durante a II Guerra Mundial. Esse ciclo econômico foi, quase que na totalidade, gerenciado por companhias europeias, especialmente francesas e inglesas, que transpuseram para a Amazônia as técnicas e costumes do patriarcado ocidental.

de migrantes colombianas, haitianas e mais recentemente as venezuelanas. Boa parte dessas mulheres são forçadas à migração para escapar da violência doméstica, do desemprego, dos conflitos socioambientais, das tensões econômicas e de muitos outros processos sócio-políticos que contribuem para o aumento das migrações. Na *perspectiva de gênero*, essas diversas migrações podem ser compreendidas como importantes processos de mudanças nos quais o simples fato de migrar para outra cidade, região ou mesmo para outro país indica uma atitude de autonomia e resistência das mulheres que experimentam importantes procedimentos de ruptura e transformação nas relações sociais e afetivas a partir da experiência migratória. Nas fronteiras da Amazônia, a migração representa uma atitude de coragem de inúmeras mulheres que, desde muito jovens, assumem grandes desafios e responsabilidades que as tornam protagonistas de sua própria história numa atitude de autonomia e libertação. Nos processos migratórios, elas têm chegado juntamente com os homens ou à frente deles até mesmo em espaços tradicionalmente masculinos como é o caso dos garimpos clandestinos que movimentam a economia garimpeira nas fronteiras da Amazônia.

### *À guisa de conclusão*

As teorias da feminização da migração baseiam-se não apenas no aumento real no número de mulheres nos fluxos de deslocamentos populacionais, mas sobretudo, na aceitação do conceito de mulher migrante. Tal aceitação confere à mulher outro “lugar” social e político nas coordenadas das migrações, deixando de ocupar o lugar secundário na perspectiva da dependência do marido, dos pais ou parentes próximos, e assumindo os riscos e as responsabilidades da condição de mulher, pobre, negra, indígena e migrante.

Para sintetizar, a *feminização da migração*, pode ser melhor compreendida observando-se as diferentes trajetórias e estratégias migratórias elaboradas pelas mulheres ou identificadas no seu perfil migratório. Outra característica importante é a participação diferenciada das mulheres migrantes nas redes sociais e a reconfiguração de papéis de gênero nos fluxos migratórios nos novos e específicos mercados de trabalho caracterizados pela precarização e exploração do trabalho das mulheres.

A negligência em relação à variável “gênero” nos estudos migratórios evidencia a relação de dominação reproduzida também nas formulações teóricas. Entretanto, a variável “gênero” oferece uma importante contribuição para as análises do novo perfil migratório contemporâneo. Dessa

forma, as intersecções de gênero, identidade e cidadania podem definir novas representações nos contextos migratórios que vão muito além dos dados estatísticos.

### **Referências**

COSTA, Heloísa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2005.

ENGLE, Lauren B. *The World in Motion: Short Essays on Migration and Gender*. Ginebra: International Organization for Migration, 2005.

LAGARDE, Marcela. *Género y Feminismo – desarrollo humano y democracia*. Madrid: Horas y horas, 1996.

LISBOA Teresa Kleba. *Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência*. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2007, vol.15, n.3, pp. 805-821

LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

MIRANDA, Joana. *Mulheres Migrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*. (Estudos OI; 35). Lisboa: ACIDI, 2009.

MOROKIVASIC, Mirjana.. *Birds of Passage are also women*. *Internacional Migration Review*. Vol. XVIII number 4. 1984, winter: 886-907.

MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) *Crossing Borders and shifting boundaries*. Vol I, Gender on the move. Oplanden, 2003.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. *Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres*. Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea*. São Carlos: Scienza, 2016.

PERES, Roberta Guimarães. “*Presença boliviana na construção de Corumbá – Mato Grosso do Sul: espaço de fronteira em perspectiva histórica*”. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

RODRIGUES, Francilene. S. (Org.). *Estudos Transdisciplinares na Amazônia Setentrional: fronteiras, Migração e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*. São Paulo: Flacson/Brasil, Série Estudos e Ensaio – Ciências Sociais, junho de 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Brasiliense, 1991.

YANNOULAS, Silvia Cristina. *Feminização ou Feminilização?* Apontamentos em torno de uma categoria. *Revista Temporalis: Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS)* v. 2, n. 22 (2011)

### **Feminization of migrations on the borders of Pan-Amazon**

**Abstract:** The last two decades are characterized by an intense migration in the Amazon in an internal and international sense, with emphasis on the permanent circulation of black and indigenous women in the borders of this immense region. The current migratory dynamics points to the Amazon as the new entry point for migrants in the national territory. The vast majority of them are transboundary or Caribbean migrants who arrive in Brazil through the "back doors". However, the Amazonian borders also represent an important movement of Brazilian migrants who are going to cross-border countries or to other continents. Several factors contribute to this new order of migratory movements in this region. In the present article, we will present some of these factors based on the data collected in several field surveys conducted in the Amazonian frontiers in the last five years and the theoretical approach of migratory studies that deepen the phenomenon of the feminization of migrations. The objective of this study is to present some elements that indicate the important role of black and indigenous women in migratory dynamics in the Amazonian borders, thus contributing to new approaches to the intersections of gender, identity and citizenship.

**Keywords:** Feminization of Migrations. Amazon. Borders. Black women. Indigenous Women.